

Pedro Pedro

Arcângelo Ferreira (UEA)¹

Do outro lado da rua, uma fresta abre-se, desvela um pequeno vão sedutor. Uma onda de vento entra, através da sombra. Olha todos os degraus internos. Chega à sacada. Horas passam. Das costas do imenso e denso rio, surge o sol. Então começam a chegar os primeiros humanos...

Um busto envelhecido pelo tempo; lapidado em mármore de Carrara, branco. Preservando um certo ar altivo, guarda um sonho no olhar, fito da eternidade. Como toda e qualquer efeméride, é lembrado nas edições dos livros didáticos, onde crianças, aos dez, onze anos de idade, estudavam a História Municipal. O busto é a representação de um homem sisudo, “Pedro Pedro de Bragança, fundador da cidade” [como está posto em letras garrafais, logo abaixo de seu tronco sólido]. Pedro, duplicado no seu nome próprio, o prenúncio do que se tornara, as sobras de sua história: um antigo homem de carne e osso, agora de pedra, símbolo de um certo heroísmo difuso. Esses dois Pedros, o homem, a pedra, também preconizam a controvérsia que paira nos traços do caráter desse agente da colonização portuguesa.

Foi nos anos de 1960 que um certo João Alcantara, motivado por seus conselheiros, os intelectuais da Academia Municipal de Letras, decidiu convencer Asdrubawn, líder de seu partido político na Câmara dos Vereadores, a propor um projeto para a criação do busto “do herói fundador da cidade, pois, a fixação do vulto de Pedro Pedro de Bragança será educativo às novas gerações, as quais necessitam urgentemente aprender a preservar e conservar a memória, a história desse homem bravo e destemido, pai da cidade...”, nas palavras do líder do PCC (Partido Conservador Cristão). Aprovado o projeto, após alguns meses, a cidade toda foi ao cais do porto esperar o transatlântico que trouxe três caixas de pedra de mármore, diretamente da província de Massa e Carrara, em Lunigiana, na ponta mais ao norte da atual Toscana, na Itália. Para reduzir os custos, que já estavam imensos – a oposição acusou o grupo político que apoiava o projeto de superfaturamento na compra das caixas de mármore –, Evanildo, exímio artesão da cidade, foi contratado para esculpir o busto. Evanildo levou sete

¹ Doutor em História Social da Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST) da Universidade Federal do Pará (UFPA), desde 2020. É mestre em História Social da Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), desde 2006, e Licenciado em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: adferreira@uea.edu.br

meses para deixar Pedro Pedro de mármore pronto. O evento ganhou notícias diárias nos impressos [em mimeógrafos] da cidade, por toda a segunda metade daquele ano fatídico. A partir desse evento, inúmeras versões sobre o herói, fundador da cidade, começaram a surgir. Ocorreu uma disputa hercúlea de narrativas acerca da memória e história de Pedro Pedro de Bragança.

Memorialistas, diletantes e historiadores acadêmicos divergiram, e muito, sobre o tema.

O vulto, para uns, representa o caráter de um homem distinto, escolhido pela rainha de Portugal, no século XVIII, para administrar a antiga sesmaria, esta que originou a cidade onde a escultura em mármore está erigida. “Tarefa árdua. Mas, não impossível para um bravo”, como afirma F. F. Castro, o autodidata que deixou uma dezena de livros sobre a história da cidade, inclusive escreveu a mais robusta biografia sobre Pedro Pedro. Diz-se que Evanildo e sua equipe usaram a biografia de F.F. para traçar o perfil do herói português na pedra de mármore Carrara. Contrapondo-se, pesquisadores universitários elucidam o lado corrupto, explorador [de índios], “desse criminoso”, grifam veementemente. Ancorado em registros documentais colhidos em arquivos europeus, o livro *A história não contada de Pedro Pedro*, um historiador luso, analisa uma vasta documentação. Nela, consta, por exemplo, uma querela de anos entre Pedro Pedro e um missionário jesuíta português, José Pereira Parreira, altercando o controle da posse de um grupo de doze índios da etnia Tupinambá, capturados por meio de “guerras santas”, em uma das ilhas que compõem o arquipélago onde está hoje localizada a cidade fundada por Pedro Pedro. Felizmente, os manuscritos que relatam essa disputa foram preservados nos arquivos da Universidade de Coimbra. Os processos, segundo esse pesquisador acadêmico, são testemunhos do caráter vil do Pedro Pedro [histórico], “Contrariando as idiossincrasias pintadas pela imaginação dos memorialistas de plantão”, assevera Durval de Castro.

Para refutar essa obra, o memorialista Augusto do Carmo apresentou determinadas provas [cartas escritas por correspondentes de Pedro Pedro, onde constam adjetivos como “cordial”, “honrado”, “respeitoso” etc.]. Em seu livro *O cordial homem da Rainha*, Carmo apresenta ao público leitor uma extensa missiva onde constam registros de um homem da corte tecendo elogios a Pedro Pedro, pelo fato de ele ter “tratado com honra e respeito mulheres portuguesas, órfãs deslocadas para cumprirem obrigações matrimoniais na sesmaria sob sua administração. Esta que começava a se desenvolver e se civilizar...”. A missiva, segundo Augusto do Carmo, “é a prova mais plausível da personalidade cordial de Pedro Pedro”.

Antônio de Souza, um memorialista famoso, é, talvez o único diletante, filho da cidade, que diverge dos estudiosos locais. Argumenta, no livro *A verdadeira história de Pedro Pedro*, que este, “além de vil, era cachaceiro, boêmio e jogador. Morreu mendigando nas ruas de Belém

do Pará, suplicando pelo amor de uma prostituta, mameluca, famosa por usar vasta peruca loura e por manipular a magia encantadora através de dança eroticamente conhecida como ‘a bagaço da aranha peluda’, a qual seduzia nobres devassos”. O referido livro está perdido entre as traças da biblioteca pública. Resta, por força do acaso, um exemplar empoeirado, no canto esquerdo da última prateleira da sétima estante da única e ensimesmada sala “Beatriz Valois”.

É como o despedaçado prédio se apresenta ao irrisório público leitor. Até o presente momento, ninguém fez questão de escrever e publicar linhas sobre a história de dona Valois. Só se sabe, boca a boca, que ela foi uma certa primeira-dama da cidade; escrevia poesias e organizava festas culturais, nos anos de 1960. Nem fotografias foram preservadas sobre essa senhora. Saber a história da mulher que dá nome à biblioteca da cidade parece não ser tão interessante quanto disputar a narrativa sobre a memória e a história de Pedro, agora de mármore, na Praça do Casarão. Há apenas um poema deixado por ela que ficou preservado. Diz-se que quem o guardou foi o seu Farias, amigo e confidente de dona Valois...

Pedro Pedro, o vulto, deixou seu rosto e seu olhar no centro da Praça da Prefeitura, lugar onde está erigido o antigo casarão. As pessoas da cidade costumam chamar essa edificação de o Casarão de Pedro Pedro. É assim, também, que consta na legenda, abaixo de uma famosa obra feita por Hans Robert Müller, artista plástico, que participou da expedição do botânico Klaus Schneider Schmitz, ocorrida no século XIX. No seu livro *Exemplares aus dem Amazonas-Regenwald*, há um capítulo narrando o trajeto feito pela expedição, desde Belém do Pará até Manaus, ida e volta, onde, numa seção curta, vê-se os relatos sobre o processo de pesquisa de inúmeros espécimes de orquídeas, encontrados e coletados na cidade onde, hoje, fica o busto de Pedro Pedro.

Aí ainda consta, oportunamente, uma gravura feita a bico de pena. O artista registra, a partir da embarcação que navegava no rio Amazonas, detalhes da cidade, denominada, nesse contexto, de Vila Tupy: no barranco, estão atracadas pequenas vigilengas, com suas velas murchas, e embarcações de pesca, a maioria são canoas; também poucos barcos, destinados ao lazer dos habitantes [ínfimos, na gravura]. Em cima, nuvens tímidas e um sol cáustico. Num ponto de fuga, a torre e o sino da igreja. Ao fundo, imensa floresta. Aleatoriamente, casas miúdas e, ao centro, o imponente casarão branco, feito de frente para o rio. Pilares fortes, uma escada para subir até a entrada da frente. A casa tem dois andares. Oito janelas, duas no andar de baixo e duas no de cima. Quatro de cada lado da casa. Prédio horizontalmente extenso. Relativamente alto. Telhados de tijolos vermelhos. A fachada, num estilo barroco. Nessa perspectiva do pintor alemão, reside um certo encantamento, traduzido na precisão de seus

traços, em branco e preto. Um encantamento que acabou ganhando uma lenda. De fato, as lendas costumam animar as estórias, as memórias, a História e, essencialmente, as fofocas.

Seu Mário, um antigo comerciante polonês, há muito chegou na cidade, leitor exímio dos livros sobre Pedro Pedro, e tantos outros, pois sua biblioteca era imensa, costumava ir ao *Bar das Pretas*, estabelecimento sempre lotado de homens velhos e novos, atraídos pelas oito filhas de dona Acácia Angola; as moças serviam as mesas, sempre com os seus sorrisos de grandes e perfeitos dentes brancos; mas, eram mesmo as coxas grossas, e o andar sensual das pretas que atraíam velhas e novas esperanças masculinas. Porém, todas eram avessas àqueles homens tristes. Mas, gostavam das histórias contadas por aquele simpático e magrinho polonês. Seu carisma as atraía. O velho albino, de posse de sua cachaça sagrada, sempre a partir das seis horas da tarde, entre os amigos metidos a intelectuais, assevera: “Escrever história, meus caros boêmios de livros e bebedeiras, é tão difícil que a maioria dos historiadores vê-se obrigada a fazer concessões à técnica do lendário”.

E é mesmo uma lenda, sobre o casarão, Pedro Pedro e uma mulher encantada, que aparece nos versos do soneto de dona Valois. Aquele guardado por seu Farias. Esse soneto, intitulado “Pedro, Pedro e a moça encantada”, foi escrito em 1969, após uma discussão entre a primeira-dama e seu marido, sobre a figura do herói português. Valois tentava convencer o prefeito Alcântara de que seria muito mais significativo erigir um monumento para lembrar a etnia Tupinambá, “pois esta faz referência ao nome da cidade. É um erro colocar na Praça da Prefeitura o busto de um vil homem, equivocadamente caracterizado de cordial”. Essa foi a fala que não se sabe como chegou aos ouvidos das pessoas e vem se reproduzindo no tempo.

Não se sabe direito como o soneto foi parar nas mãos de seu Farias. Mas, há muita fofoca e especulações sobre o assunto. Sabe-se que seu Farias, um jovem de vinte anos em 1969, juntamente com um grupo de teatro amador, resolveu encenar a peça homônima. O problema foi que os jovens, rebeldes, fizeram uma adaptação que não agradou a todos. A peça mexia com a ordem moral e cristã da sociedade e das autoridades locais. Colocava no centro do enredo a tal lendária paixão entre um certo Pedro Pedro, boêmio, e uma mulher madura, Mariana. Esta vinha, na noite do dia dezesseis de julho, do fundo do rio Amazonas para encantar jovens na festa da santa padroeira. No enredo, a mulher de cem anos, caquética, desdentada, saía das profundezas de sua cidade encantada, sempre após as doze badaladas dos sinos da igreja. Sedenta de sexo, ela precisava da energia dos jovens para rejuvenescer. Um trecho que até hoje é motivo de conversas, e muitos risos, entre as pessoas da cidade, lembra o episódio em que, na mesma praça pública onde está o busto de Pedro Pedro, o prefeito Alcântara, no alto de sua

autoridade, resolveu acabar com a encenação da peça de teatro organizada pelo grupo liderado por seu Farias, dando três tiros para cima e gritando:

– Vamos acabar com essa bosta. Eu não admito que um grupo de maconheiros manche o nome do herói da cidade!

Justo quando a personagem Mariana, a encantada das águas, perguntava a Pedro Pedro:

“– Pedro Pedro, não eras tu que te gabavas de tua rigidez? Como ousas me decepcionar nesta hora tão sagrada?”

A plateia, atenta, sentada em cadeiras de madeira, trazidas de suas casas à praça, olhou para onde está plantado o busto de Pedro Pedro e rompeu o silêncio com uma gargalhada rabelaisiana.

O tiroteio instaurou o tumulto na praça; uma correria geral, crianças pisoteadas; idosos em pavor. Mães chamando por seus filhos, maridos procurando suas esposas, atores, atrizes, sonoplastas, diretor, maquiadoras. Gasguita, Emanuelle, Martha (as três transformistas do grupo de teatro), dançarinas, vazaram para os quatro cantos da cidade, atônitas. Alguns se esconderam até mesmo no Cemitério das Acácias. Apenas Pedro Pedro, o busto, preservou seu ar austero de monolítico homem de mármore. Parece que foi por esse motivo que os pesquisadores locais, em maioria protegidos pelo mecenas prefeito Alcântara, silenciaram a história de dona Beatriz Valois, apesar de ela ser a primeira-dama, engajada com a arte. Diz-se que ela, às escondidas, financiava as aventuras intelectuais dos jovens artistas, sem que seu marido prefeito soubesse. Depois desse episódio dramático, o, então jovem, seu Farias, ficou escondido, o verão inteiro, numa velha casa de taipa e palha, numa praia de um rio, próximo da cidade, com um medo de tomar um tiro no peito por conta do que fizera a Pedro Pedro.

Exatas sete décadas após os anos de 1960, frenética, a cidade não liga tanto para aquele pedaço de mármore sisudo, de tempo pretérito. As pessoas passam por ali, despercebendo-o. A praça, onde está plantado o busto, é refúgio de mendigos e pessoas que, nesse lugar de memória, disputam jogos de tabuleiro, subterfúgios para a invisibilidade. Um peso denso que a velhice traz a quem não morre cedo. Crianças aparecem na praça, quando uma pipa, do céu, cai e engata na cabeça estática de Pedro Pedro. Afoita, a súbita puerícia sobe no pescoço deste rosto sólido para tirar a pipa, numa disputa infantil, intestina. Os pombos pousam na careca e cagam, desrespeitosamente, no nariz do busto nobre. A face austera, olhar petrificado. Mas, não adiantava: a cara encardida não causa medo a nada e a ninguém, nem mesmo aos carapanãs ou baratas noturnas, que dirá às aves diurnas.

Pelas janelas sem vidraças, felinos e pombos entravam no antigo Casarão, para caçar ratos e insetos, fazer seus ninhos. A antiga arquitetura barroca parece uma casa assombrada.

Esconde mistérios. Em seus pilares e escombros, há segredos plantados. Narrativas antigas trazem um respiro de vida ao Casarão de Pedro Pedro de Bragança. Localizado na frente do Mercado Municipal, imponente, no alto de seus mais de quatrocentos anos, continua com suas pilastras rijas, suas janelas, sempre abertas para o mundo. Destas, segundo boatos, ouve-se gemidos de gente gozando de prazer, sempre à meia noite do dia 16 de julho.

De súbito, uma revoada de maracanãs sai dos galhos de duas mangueiras que ladeiam o casarão. Tiram a atenção de um homem, encostado na parede do Mercado Municipal, olhando absorto o casarão encardido. Então, ele diz para a menina que está ao seu lado:

– Esse velho casarão, aos pedaços, tem uma história de arrepiar! Vamos entrar no mercado, minha filha, para tomarmos um café, que eu te conto as estórias de um tal Pedro Pedro de Bragança, o boêmio que foi levado para morar no fundo do rio Amazonas, por uma velha encantada, num dia como este, o dia da festa da padroeira de Santinprinpolis.

Havia muitas pessoas nas ruas. Os transatlânticos afloram no porto moderno. O comércio religioso lucrava. Os triciclistas ganhavam poucos dólares, transportando as gentes brancas, de falar enrolado, só vistas nessas datas do ano, naquela cidade mestiça.

Olhando o homem entrar com sua filha pequena para as baiucas do mercado, o busto sente um sopro quente em seus ouvidos. Quando o vento, que vem do rio, invade sua face de pedra e um velho urubu pousa em seu ombro de mármore Carrara, para fazer o que fazia àquela hora, todos os dias...

Recebido em: 28/02/2023

Aprovado em: 27/05/2023

Publicado em: 04/09/2023



10.29281/r.decifrar.2023.1a_v04